



Ciencia Latina
Internacional

Ciencia Latina Revista Científica Multidisciplinar, Ciudad de México, México.
ISSN 2707-2207 / ISSN 2707-2215 (en línea), mayo-junio 2024,
Volumen 8, Número 3.

https://doi.org/10.37811/cl_rcm.v8i3

**INTELIGÊNCIA E INTERSEÇÕES SOCIAIS:
COMPREENDENDO COMPORTAMENTOS
E EMPATIA EM SOCIEDADES DE ALTO QI
COM ÊNFASE NO ESPECTRO AUTISTA**

**INTELLIGENCE AND SOCIAL INTERSECTIONS:
UNDERSTANDING BEHAVIORS AND EMPATHY IN
HIGH IQ SOCIETIES WITH AN EMPHASIS ON THE
AUTISM SPECTRUM**

Fabiano de Abreu Agrela Rodrigues
Califórnia University FCE, Portugal

Flávio Henrique dos Santos Nascimento
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) , UFPI, Brasil

Simone Costa Resende da Silva
UNICEUB, Brasil

Luiz Fellipe Gonçalves de Carvalho
Universidade de Chicago , Brasil

DOI: https://doi.org/10.37811/cl_rcm.v8i3.11180

Inteligência e Interseções Sociais: Compreendendo Comportamentos e Empatia em Sociedades de Alto QI com Ênfase no Espectro Autista

Fabiano de Abreu Agrela Rodrigues¹

deabreu.fabiano@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5487-5852>

Pós-Phd em Neurociências - Califórnia

University FCE

Aveiro – Portugal

Flávio Henrique dos Santos Nascimento

flaviodonascimento@hotmail.com

<https://orcid.org/0009-0007-3760-2936>

Bacharel em medicina pela Universidade

Federal de Campina Grande (UFCG), com

residência médica em psiquiatria pela UFPI

Piauí – Brasil

Simone Costa Resende da Silva

siresende.resende@gmail.com

Formanda em Ciências Econômicas e Direito
pelo UNICEUB em Brasília.

Distrito Federal -Brasil

Luiz Fellipe Gonçalves de Carvalho

fellipecarvalho@hotmail.com

Mestre em Ciências Sociais pela

Universidade de Chicago

Estado Federal - Brasil

RESUMO

Este estudo aborda as diferenças comportamentais em sociedades de alto quociente de inteligência (QI), fundamentado em análises e depoimentos de membros dessas sociedades, relatos de vítimas de bullying e contribuições de profissionais das áreas de neuropsicologia, neurociências, psiquiatria, além dos insights do projeto RG-TEA, focado em estudos sobre o autismo. Observou-se que no percentil 98 de sociedades de alto QI, há uma maior incidência de comportamentos agressivos, bullying e perseguição, em contraste com o percentil 99,9, onde esses comportamentos são menos frequentes. A pesquisa revela que a inteligência emocional e social, juntamente com a resiliência, desempenham um papel crucial nas dinâmicas comportamentais desses grupos, além da mera inteligência cognitiva. A análise também destaca a significativa presença de indivíduos autistas com altas habilidades e superdotação no percentil 98. Contrariamente, observa-se uma menor representação de autistas no percentil acima de 99. Muitos diagnósticos de superdotação em autistas estão relacionados à busca ativa por avaliações de QI, frequentemente motivadas por diferenças notadas por pais e profissionais. Notavelmente, autistas com QI acima de 145, frequentemente classificados como Asperger, apresentam uma maior capacidade de sociabilização e controle emocional, sugerindo que a inteligência superior pode compensar os déficits na inteligência emocional e social.

Palavras-chave: *Alto QI, Comportamento, Bullying, Inteligência Emocional, Autismo, Superdotação, Síndrome de Asperger, Neuropsicologia, Neurociências, Psiquiatria, Projeto RG-TEA*

¹ Autor principal

Correspondencia: deabreu.fabiano@hotmail.com

Intelligence and Social Intersections: Understanding Behaviors and Empathy in High IQ Societies with an Emphasis on the Autism Spectrum

ABSTRACT

This study investigates behavioral differences in high-IQ societies, drawing insights from analyses and testimonies of society members, accounts from bullying victims, and contributions from professionals in neuropsychology, neuroscience, psychiatry, and the RG-TEA project focused on autism research. A notable discrepancy in behavioral patterns is observed between the 98th and 99.9th percentiles of high-IQ societies. The 98th percentile shows a higher incidence of aggressive behavior, bullying, and persecution. In contrast, such behaviors are markedly less frequent in the 99.9th percentile. The study underscores the pivotal roles of emotional intelligence, social intelligence, and resilience in shaping these behavioral dynamics. Additionally, it highlights the significant presence of autistic individuals with high abilities in the 98th percentile, compared to a smaller representation in higher percentiles. Autistic individuals, especially those above a 145 IQ threshold, often categorized as Asperger's, exhibit enhanced social adaptability and emotional regulation, suggesting that superior cognitive intelligence may compensate for deficits in emotional and social intelligence.

Keywords: *High IQ Societies, Behavioral Patterns, Bullying, Emotional Intelligence, Autism, Giftedness, Asperger's Syndrome, Neuropsychology, Neuroscience, Psychiatry, RG-TEA Project*

Artículo recibido 06 abril 2024

Aceptado para publicación: 09 mayo 2024



INTRODUÇÃO

Na análise da cognição em indivíduos com elevado quociente intelectual (QI), observa-se uma dicotomia comportamental peculiar. Especificamente, há a manifestação de comportamentos que se desviam daquilo que se espera de indivíduos com alta capacidade intelectual. Isto é, há incidências de comportamentos zombeteiros, agressivos e persecutórios. Tal fenômeno instiga a questionar a presença de empatia e a ausência de senso de julgamento em tais indivíduos.

A presente discussão é fundamentada na premissa de que indivíduos autistas carecem de certos filtros cognitivos e sociais, bem como da capacidade de interpretar e julgar situações sociais de maneira convencional. A falta destes mecanismos pode ser atribuída a deficiências na integração de componentes emocionais.

Indivíduos não autistas com alto QI tendem a exibir uma cognição mais reflexiva, permitindo-lhes manipular seus comportamentos de maneira mais eficaz e exercer um julgamento social mais afinado. Esta habilidade está intrinsecamente ligada a uma interpretação emocional mais aprimorada e uma maior consideração das consequências sociais de suas ações.

Por outro lado, indivíduos autistas tendem a operar com base em aprendizados memorizados e literalidade, com menor preocupação quanto à percepção social de suas ações. Essa característica está associada a diferenças nas conexões cerebrais, impactando a inteligência emocional e social, que, por sua vez, afeta a capacidade de comportar-se de maneira que é convencionalmente considerada como lógica.

Esta análise sugere que a ausência de uma lógica orientada pela inteligência emocional e social pode ser um fator determinante nas ações de indivíduos autistas, que podem ser percebidas como ilógicas ou socialmente inapropriadas. A complexidade dessas dinâmicas cognitivas e sociais continua a ser um tópico de extensiva pesquisa e discussão acadêmica.

Relação do autismo, superdotação e Inteligência emocional e social

No contexto do quociente intelectual elevado e suas implicações comportamentais, é pertinente considerar as complexas interações entre inteligência, comportamento social e emoções. Indivíduos com alto QI frequentemente demonstram uma capacidade impressionante de gerenciar impressões de inteligência e influenciar positivamente a percepção de terceiros quanto a seus



níveis intelectuais (Murphy, 2007). Paralelamente, estudos revelam que habilidades em gerenciar emoções estão positivamente correlacionadas com a qualidade das interações sociais, ressaltando a validade preditiva da inteligência emocional (Lopes et al., 2004).

No que tange à neuroanatomia, diferenças significativas foram observadas entre indivíduos com desordens autísticas de alto funcionamento e controles ao processarem expressões faciais emocionais. Tais diferenças sugerem bases neurodesenvolvimentais para algumas das anomalias comportamentais associadas ao autismo (Critchley et al., 2000). Além disso, um estudo conduzido por Skuse et al. (2009) identificou um efeito de interação sexo-por-QI verbal na competência em comunicação social, onde um QI verbal acima da média parecia conferir proteção contra deficiências em comunicação social apenas em sujeitos do sexo feminino.

Na revisão do processamento cognitivo e emocional em indivíduos com transtornos do espectro autista (TEA), diversas pesquisas destacam anomalias significativas. Estudos indicam dificuldades na identificação e descrição de emoções, integrantes fundamentais do autismo (Hill, Berthoz, & Frith, 2004). Além disso, observa-se ativação neural atípica em áreas cerebrais como o córtex fusiforme, amígdala e ínsula anterior durante o processamento de expressões faciais emocionais (Leung et al., 2018).

Em paralelo, análises neuroimagem demonstram discrepâncias funcionais em regiões como o giro fusiforme e a amígdala em tarefas de percepção emocional (Abdi & Sharma, 2004). Estas regiões cerebrais são críticas na codificação e interpretação de estímulos sociais e emocionais, indicando uma base neurobiológica para as dificuldades de processamento social em indivíduos com TEA. Investigações adicionais revelam que as capacidades cognitivas moderam a associação entre o processamento sensorial atípico e problemas emocionais e comportamentais em indivíduos autistas (Werkman et al., 2020). Isso sugere que as habilidades cognitivas devem ser consideradas no cuidado de indivíduos com autismo.

Na literatura científica, a relação entre alto quociente intelectual (QI) e cognição social, bem como a interpretação emocional, é abordada com uma riqueza de detalhes e complexidade. Estudos demonstram que indivíduos com alto QI não necessariamente exibem melhor desempenho em tarefas de inteligência emocional, mas apresentam características distintas na gestão de emoções



e julgamentos sociais (Ciarrochi, Chan, & Caputi, 2000). Por exemplo, altos níveis de inteligência emocional predizem diferenças individuais no raciocínio de troca social, conforme indicado por respostas hemodinâmicas em regiões cerebrais específicas durante o raciocínio social (Reis et al., 2007).

Interessantemente, um estudo sobre crianças em idade pré-escolar com alto QI não encontrou diferenças significativas em problemas de comportamento, emocionais ou sociais em comparação com crianças de QI normal (Peyre et al., 2016). Além disso, a pesquisa sugere que o sucesso acadêmico em estudantes do ensino médio está fortemente associado a várias dimensões da inteligência emocional (Parker et al., 2004).

Esses estudos apontam para uma compreensão mais matizada do papel da inteligência emocional em indivíduos com alto QI, sugerindo que a capacidade de interpretar e gerenciar emoções de maneira eficaz, embora distintamente ligada ao alto QI, também é influenciada por uma variedade de outros fatores, incluindo características da personalidade e ambiente social.

Indivíduos com transtornos do espectro autista (TEA) apresentam características de processamento cognitivo e emocional que diferem significativamente das de indivíduos neurotípicos, sendo estas diferenças atribuídas a alterações nas conexões cerebrais. Estudos utilizando neuroimagem funcional têm indicado a existência de padrões atípicos de conectividade cerebral no TEA, particularmente em regiões cerebrais envolvidas no processamento de emoções e interações sociais.

Por exemplo, Wicker et al. (2008) identificaram anormalidades na conectividade efetiva, particularmente com o córtex pré-frontal sendo um local chave de disfunção, em adultos com TEA durante o processamento explícito de emoções. Este achado sugere que a conectividade anormal de longo alcance entre estruturas do ‘cérebro social’ poderia explicar os problemas socioemocionais característicos do TEA Wicker et al., 2008.

Outros estudos, como o de Gotts et al. (2012), reforçam essa visão, mostrando que os indivíduos com TEA exibem redução na conectividade funcional entre regiões do cérebro social, indicando uma ‘fracionação’ dos circuitos cerebrais sociais nesses indivíduos Gotts et al., 2012.



A ausência de uma lógica orientada pela inteligência emocional e social em indivíduos com transtornos do espectro autista (TEA) pode ser um fator determinante nas ações percebidas como ilógicas ou socialmente inapropriadas. Estudos sugerem que, enquanto indivíduos com TEA demonstram habilidades intelectuais cognitivas (CI) comparáveis às de seus pares, eles relatam níveis inferiores de inteligência emocional (EI), devido aos desafios sociais e emocionais enfrentados por eles (Brady et al., 2014).

A diferença na capacidade de processamento de expressões faciais emocionais também é notável. Indivíduos com TEA não ativam regiões cerebrais específicas quando avaliam explicitamente expressões, diferindo significativamente dos controles em regiões como o cerebelo, mesolímbico e córtex temporal (Critchley et al., 2000).

Essas descobertas corroboram a noção de que as dificuldades em lidar com contextos sociais e emocionais no TEA estão ligadas a diferenças neurobiológicas, ressaltando a complexidade das dinâmicas cognitivas e sociais desses indivíduos e a necessidade contínua de investigações aprofundadas para melhor compreender e abordar suas necessidades.

A empatia, um componente crítico da vida social humana, tem sido estudada extensivamente em indivíduos com transtornos do espectro autista (TEA). Estudos indicam que as respostas empáticas atípicas em indivíduos com TEA limitam significativamente a comunicação e as interações sociais, com diferenças notadas devido a sexo, idade, inteligência e severidade do transtorno (Harmsen, 2019).

Indivíduos com TEA muitas vezes enfrentam desafios no reconhecimento e descrição de emoções em outros, o que pode resultar em dificuldades na expressão verbal de empatia (Koegel, Ashbaugh, Navab, & Koegel, 2015). Pesquisas também revelaram que, embora indivíduos com TEA apresentem dificuldades em empatia cognitiva, eles são capazes de se conectar com experiências emocionais de outras pessoas, especialmente quando as emoções têm valência positiva (Mazza, Pino, Mariano, Tempesta, Ferrara, de Berardis, Masedu, & Valenti, 2014).

Em conclusão, o entendimento da empatia em indivíduos com TEA sugere um perfil complexo, com capacidades variáveis em diferentes componentes da empatia, abrangendo aspectos cognitivos e emocionais. Este perfil tem implicações significativas para intervenções



educacionais e terapêuticas destinadas a melhorar a cognição social e o reconhecimento emocional em pacientes com TEA.

Comportamento em sociedades de alto QI

A análise das diferenças comportamentais em sociedades de indivíduos de alto QI, especialmente no contexto do transtorno do espectro autista (TEA), revela uma interação complexa entre habilidades cognitivas e comportamentais.

Em estudos sobre TEA, observa-se que, apesar de alguns indivíduos apresentarem um QI normal ou acima da média, eles exibem dificuldades em comunicação social e comportamento emocional ao longo da vida (Critchley et al., 2000). Essas dificuldades estão ligadas a diferenças neurobiológicas em regiões cerebrais responsáveis pelo processamento de emoções e interações sociais.

Investigações sobre o espectro de inteligência no TEA revelam que há um subconjunto de indivíduos com TEA que possuem QI elevado, incluindo aqueles diagnosticados com Síndrome de Asperger, que apresentam habilidades cognitivas intactas (Wang et al., 2013). No entanto, apesar da alta capacidade intelectual, esses indivíduos ainda enfrentam desafios significativos em termos de habilidades sociais e de comunicação.

Além disso, um estudo descobriu que as diferenças no QI estão associadas a variações nos sintomas de autismo e nas habilidades adaptativas. Por exemplo, habilidades de comunicação adaptativas estavam positivamente relacionadas ao QI, enquanto o funcionamento adaptativo global estava negativamente associado à sintomatologia do autismo (Kenworthy et al., 2010).

Esses achados destacam que, embora um alto QI possa fornecer certas vantagens cognitivas, ele não necessariamente atenua as dificuldades nas interações sociais e emocionais enfrentadas por indivíduos com TEA. Portanto, é crucial levar em consideração o QI e as habilidades cognitivas ao avaliar e planejar intervenções para indivíduos com TEA.

Estas descobertas destacam a importância de entender a conectividade cerebral no TEA, não apenas para elucidar os mecanismos subjacentes aos sintomas comportamentais, mas também para desenvolver intervenções mais eficazes.



DISCUSSÃO

A análise comportamental em sociedades de alto QI revela uma complexa interseção entre inteligência cognitiva, habilidades sociais e emocionais. Observa-se uma dissonância comportamental surpreendente, onde alguns membros com QI elevado frequentemente se engajam em comportamentos que contradizem as expectativas associadas à alta inteligência, como deboche, agressão e perseguição. Esta constatação leva à reflexão sobre a empatia e o julgamento moral em indivíduos de alto QI. A discussão se aprofunda ao considerar as diferenças entre pessoas autistas e não autistas dentro desses grupos.

Indivíduos autistas, algumas vezes inseridos em percentis de QI elevados, mostram-se desafiados em termos de interpretação emocional e julgamento social. Esta característica parece resultar de um processamento cerebral distinto, afetando a inteligência emocional e social. Em contraste, indivíduos não autistas de alto QI demonstram maior capacidade de reflexão antes da ação, manipulando comportamentos e emoções de maneira mais eficaz. O estudo também aponta para a resiliência e alta inteligência emocional em pessoas do percentil 98, desafiando a ideia de que maior inteligência leva a comportamentos sociais mais adequados.

Interessantemente, a pesquisa evidencia uma significativa incidência de autistas com altas habilidades e no percentil 98, comparativamente a um número menor no percentil acima de 99 baseado em relatos de membros destas sociedades. A análise sugere que os diagnósticos de superdotação em autistas podem estar influenciados pela busca ativa por avaliações de QI por pais e profissionais, levando a uma sobre-representação de autistas classificados como superdotados ou de alta habilidade.

A discussão se aprofunda com a observação de que autistas com QI acima de 145, muitas vezes classificados como Asperger, exibem uma maior sociabilidade e controle emocional que os autistas nível 1 de suporte com QI na faixa de 130 ou com altas habilidades e QI de 115 a 129. Esta constatação sugere que a inteligência superior pode ser um fator compensatório para os déficits na inteligência emocional e social.

As conclusões deste estudo foram embasadas em análises e depoimentos de membros de sociedades de alto QI, relatos de vítimas de bullying, e contribuições de profissionais em

neuropsicologia, neurociências, psiquiatria, e do projeto RG-TEA, focado em autismo. Este amplo espectro de perspectivas reforça a necessidade de uma abordagem multidimensional para compreender as dinâmicas comportamentais em sociedades de alto QI, especialmente no que se refere à interseção entre inteligência cognitiva, habilidades emocionais e sociais, e autismo.

Acreditamos que uma dificuldade na inteligência g, quando não acompanhada de inteligência emocional, reside na incapacidade de captar e expressar, de forma não literal, as nuances complexas da sociedade.

Tomemos, por exemplo, o raciocínio lógico que leva alguém a se considerar inteligente, equiparando-se aos grandes nomes da história. Isso desemboca na criação de uma narrativa fictícia, alimentada pela imaginação. Contudo, compreender a subjetividade do ser humano implica reconhecer que ser inteligente não necessariamente se traduz em descobrir uma nova fórmula ou alcançar grandes feitos. Essa conscientização, proporcionada pela inteligência emocional, ajusta nossas perspectivas, colocando-nos num patamar social mais realista e comparativo.

A propensão a construir e acreditar em ficções é um fenômeno ideológico, enquanto a subjetividade emocional nos posiciona mais precisamente na realidade. Vivemos em uma era onde as estátuas já não se erguem mais e qualquer descoberta é vista como uma mera ação sem grande relevância para o público em geral. Neste tempo, a inteligência frequentemente leva ao isolamento, pois, mesmo diante da incompreensão, ao invés de buscar entender, as pessoas tendem a julgar.

Considerações Finais

Este estudo revelou a complexidade das interações comportamentais em sociedades de alto QI, destacando a importância de uma abordagem multidisciplinar para compreender tais dinâmicas. A dissonância entre a alta inteligência cognitiva e os comportamentos observados ressalta a necessidade de uma compreensão mais profunda das habilidades sociais e emocionais nesses contextos. A percepção de que o alto QI não garante automaticamente uma maior maturidade emocional ou comportamentos socialmente adaptativos é crucial para desmistificar estereótipos associados à inteligência.



Para indivíduos autistas, particularmente aqueles com altas habilidades e superdotação, o estudo enfatiza a complexidade de seus desafios e a variabilidade nas manifestações de suas habilidades sociais e emocionais. O fato de autistas com QI acima de 145 demonstrarem maior sociabilidade e controle emocional sugere caminhos potenciais para intervenções e suporte, ressaltando a importância de abordagens personalizadas que levem em conta as especificidades de cada indivíduo.

Além disso, a pesquisa aponta para a influência de fatores externos, como expectativas sociais e familiares, na identificação de altas habilidades e superdotação em indivíduos autistas. Este achado reforça a necessidade de cautela e precisão nos diagnósticos e na avaliação de habilidades cognitivas e emocionais, evitando conclusões apressadas ou estereotipadas.

Em suma, este estudo contribui para uma compreensão mais rica e matizada das interações sociais e emocionais em sociedades de alto QI, com implicações significativas para a pesquisa futura, diagnóstico e intervenções clínicas. Ressalta-se a importância de considerar tanto os aspectos cognitivos quanto emocionais e sociais na avaliação e apoio a indivíduos nestas sociedades, particularmente aqueles no espectro autista.

Declaração de contribuições: Rodrigues, F. A. A. foi o idealizador, dono e criador do conceito, escreveu e revisou o manuscrito. Orientou a equipe na coleta de dados e revisou o manuscrito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abdi, Z., & Sharma, T. (2004). Social Cognition and Its Neural Correlates in Schizophrenia and Autism. *CNS Spectrums*, 9, 335 - 343.

Acosta Silva, S., & Paredes Cruz, I. (2022). Prevención y tratamiento de la litiasis renal: Medidas dietéticas y farmacológicas. *Revista Científica De Salud Y Desarrollo Humano*, 3(1), 148-170. <https://doi.org/10.61368/r.s.d.h.v3i1.50>

Brady, D., Saklofske, D., Schwean, V., Montgomery, J. M., McC Harmsen, I. E. (2019). Empathy in Autism Spectrum Disorder. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 49, 3939-3955.

Ciarrochi, J., Chan, A. Y. C., & Caputi, P. (2000). A critical evaluation of the emotional intelligence construct. *Personality and Individual Differences*, 28, 539-561.



- Critchley, H. D., Daly, E., Bullmore, E., Williams, S., Van Amelsvoort, T., Robertson, D., Rowe, A. D., Phillips, M., McAlonan, G., Howlin, P., & Murphy, D. (2000). The functional neuroanatomy of social behaviour: changes in cerebral blood flow when people with autistic disorder process facial expressions. *Brain: A Journal of Neurology*, 123 (Pt 11), 2203-12.
- Gotts, S. J., Simmons, W. K., Milbury, L. A., Wallace, G. L., Cox, R. W., & Martin, A. (2012). Fractionation of social brain circuits in autism spectrum disorders. *Brain : a journal of neurology*, 135(Pt 9), 2711-25.
- Hill, E., Berthoz, S., & Frith, U. (2004). Brief Report: Cognitive Processing of Own Emotions in Individuals with Autistic Spectrum Disorder and in Their Relatives. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 34, 229-235.
- Kenworthy, L., Case, L., Harms, M., Martin, A., & Wallace, G. L. (2010). Adaptive Behavior Ratings Correlate With Symptomatology and IQ Among Individuals With High-Functioning Autism Spectrum Disorders. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 40(4), 416-423.
- Koegel, L. K., Ashbaugh, K., Navab, A., & Koegel, R. L. (2015). Improving Empathic Communication Skills in Adults with Autism Spectrum Disorder. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 46, 921-933.
- Leung, R. C., Pang, E. W., Anagnostou, E., & Taylor, M. J. (2018). Young Adults with Autism Spectrum Disorder Show Early Atypical Neural Activity during Emotional Face Processing. *Frontiers in Human Neuroscience*, 12.
- Lopes, P., Brackett, M., Nezlek, J., Schütz, A., Sellin, I., & Salovey, P. (2004). Emotional Intelligence and Social Interaction. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 30, 1018 - 1034.
- López, M. (2023). El Manejo de las Transacciones Online y la Protección al Consumidor. *Emergentes - Revista Científica*, 3(1), 77-96. <https://doi.org/10.60112/erc.v3i1.22>



- Mazza, M., Pino, M. C., Mariano, M., Tempesta, D., Ferrara, M., de Berardis, D., Masedu, F., & Valenti, M. (2014). Affective and Cognitive Empathy in Adolescents with Autism Spectrum Disorder. *Frontiers in Human Neuroscience*, 8.
- Murphy, N. A. (2007). Appearing Smart: The Impression Management of Intelligence, Person Perception Accuracy, and Behavior in Social Interaction. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 33, 325 - 339.
- Martínez Pérez , J. C. (2023). Interpretación del Proceso de Atención de Enfermería entre los Estudiantes de Enfermería. *Estudios Y Perspectivas Revista Científica Y Académica* , 3(1), 1-18. <https://doi.org/10.61384/r.c.a.v3i1.14>
- Morales Fretes , C. D. (2023). Estrategias motivacionales en el desempeño laboral de los empleados en empresas de la Ciudad de Pilar 2023. *Sapiencia Revista Científica Y Académica* , 3(2), 62-74. <https://doi.org/10.61598/s.r.c.a.v3i2.51>
- Parker, J. D., Creque, R. E., Barnhart, D. L., Harris, J. I., Majeski, S. A., Wood, L. M., Bond, B., & Hogan, M. J. (2004). Academic achievement in high school: does emotional intelligence matter? *Personality and Individual Differences*, 37, 1321-1330.
- Peyre, H., Ramus, F., Melchior, M., Forhan, A., Heude, B., & Gauvrit, N. (2016). Emotional, behavioral and social difficulties among high-IQ children during the preschool period: Results of the EDEN mother-child cohort. *Personality and Individual Differences*, 94, 366-371.
- Reis, D. L., Brackett, M., Shamosh, N. A., Kiehl, K., Salovey, P., & Gray, J. (2007). Emotional Intelligence predicts individual differences in social exchange reasoning. *NeuroImage*, 35, 1385-1391.
- Skuse, D., Mandy, W., Steer, C., Miller, L., Goodman, R., Lawrence, K., Emond, A., & Golding, J. (2009). Social communication competence and functional adaptation in a general population of children: preliminary evidence for sex-by-verbal IQ differential risk. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 48 2, 128-37.
- Wang, H., Qin, H., Guo, W., Samuels, J., & Shugart, Y. Y. (2013). New insights into the genetic mechanism of IQ in autism spectrum disorders. *Frontiers in Genetics*, 4, 195.



- Werkman, M., Brouwer, S., Dijkxhoorn, Y., Berckelaer-Onnes, I. A., Reijneveld, S. A., Landsman, J., & Begeer, S. (2020). The moderating effect of cognitive abilities on the association between sensory processing and emotional and behavioural problems and social participation in autistic individuals. *Research in Autism Spectrum Disorders*.
- Wicker, B., Fonlupt, P., Hubert, B., Tardif, C., Gepner, B., & Deruelle, C. (2008). Abnormal cerebral effective connectivity during explicit emotional processing in adults with autism spectrum disorder. *Social cognitive and affective neuroscience*, 3(2), 135-43.

